

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

410

M828p Morais, Alex Nery.

A progressão referencial na resenha acadêmica / Alex Nery Morais,
Marceli dos Santos Silva -- Macapá, 2013.

20 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação
Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura
Plena em Letras.

Orientadora: Profa. MS. Celeste Maria da Rocha Ribeiro

1. Linguística – Estudo e ensino. 2. Referência (Linguística). 3.
Escrita. 4. Análise do discurso. 5. Resenha. I. Silva, Marceli dos Santos. II.
Ribeiro, Celeste Maria da Rocha, orient. III. Fundação Universidade
Federal do Amapá. IV. Título.

A PROGRESSÃO REFERENCIAL NA RESENHA ACADÊMICA*

Alex Nery Moraes**

Marceli dos Santos Silva***

Prof. Ma. Celeste Maria da Rocha Ribeiro (Orientador)****

RESUMO

Este artigo constitui um estudo da progressão referencial em resenhas produzidas por alunos do ensino superior. Partindo da hipótese de que esses textos apresentam problemas nesse aspecto, objetiva analisar como se processam as principais estratégias discursivas utilizadas, bem como verificar os principais problemas relacionados. Apoiar-se na linha de estudo da linguística textual e na teoria dos Gêneros do Discurso, Bakhtin (1952/3). Baseia-se em Koch (2009, 2013) e Koch e Elias (2012/2012), que tratam sobre aspectos relacionados às estratégias discursivas. Caracteriza-se como de natureza bibliográfica e de abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Referenciação. Progressão Referencial. Gêneros Acadêmicos. Resenha.

ABSTRACT

This article constitutes a study about referential progression on the college students reviews. From the hypothesis that these texts present problems in this aspect, it objectives to analyse how we process the main discursive strategies used as well as to verify the main problems. It relies on the study line of textual linguistics and on Speech Genres Theory, Bakhtin (1952/3). Its theoretical based on Koch (2009, 2013) and Koch and Elias (2012/2012), in which are discussed aspects of discursive strategies. It's characterized as bibliographical and qualitative approach.

Key-words: Referentiation. Referential Progression. Academic Genres. Review.

INTRODUÇÃO

O artigo II da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 9394/96) postula que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, bem como o seu preparo para o exercício da cidadania.

Diante disso, podemos afirmar que o ensino de língua materna é uma ferramenta extremamente eficaz para que esse fim seja alcançado, pois segundo Travaglia (2002), esse ensino se justifica pela promoção do desenvolvimento da competência comunicativa do indivíduo, tornando-o apto a comunicar-se de forma eficaz, entendendo os demais e fazendo-se entender, atuando, portanto, no meio social a partir do uso da língua.

* Artigo apresentado para conclusão de curso de graduação em Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal do Amapá.

** Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Amapá. Endereço eletrônico: alexnerymcp@hotmail.com.

*** Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Amapá. Endereço eletrônico: marcelisilva_ap@hotmail.com.

**** Professora da Universidade Federal do Amapá, Mestre em Letras pela UFPA.

Vemos, portanto, que o que postula a LDB quanto à finalidade da educação e o que defende o linguista quanto à justificativa do ensino de língua materna estão em plena consonância, uma vez que é impossível pensarmos em exercício da cidadania sem proficiência em leitura em sentido lato e estrito.

É preciso que nós, educadores, portanto, saibamos como devemos empreender esse ensino. Quanto à sua prática propriamente dita, Marcuschi (2008), ainda sobre esse tema, defende que é um consenso entre os linguistas teóricos e aplicados, bem como orientação dos PCNs, que ela deve se dar através dos textos.

Percebemos, então, que, embora sem prejuízo da modalidade oral, os textos escritos devem estar no centro das ações tomadas no ensino de língua, mas, para isso é necessário que conheçamos então as especificidades dos atos de ler e escrever, que, segundo Heinemann & Viehweger, (1991 *apud* KOCH, 2011, p. 32) envolvem três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional.

Dentre esses, o presente artigo visa refletir acerca do conhecimento linguístico, que compreende o conhecimento gramatical e o lexical, determinando, por exemplo, a organização do material linguístico na superfície textual, o uso dos meios coesivos que a língua dispõe para que se efetuem remissões ou a sequenciação textual, a seleção lexical adequada ao tema e aos modelos cognitivos ativados.

Esse tipo de conhecimento há muito tempo é visto em sala de aula, porém numa prática de ensino arcaica, unicamente baseada na gramática normativa e na memorização de regras e nomenclaturas gramaticais definidas antes mesmo do contato com o texto, executado sob uma perspectiva estática e estrutural de língua e de ensino.

Já no desenvolvimento deste trabalho, partimos da concepção interacional e dialógica de leitura e escrita, segundo a qual o texto é construído na interação entre autor-texto-leitor-contexto, sendo autor e leitor interlocutores ativos na construção do sentido.

Buscamos ainda tratar da progressão referencial no gênero resenha acadêmica. Mais especificamente, analisar a estratégia de reativação de referentes, observando as funções cognitivo-discursivas de encapsulamento anafórico, recategorização de referentes e organização macrotextual no gênero referido.

Para o desenvolvimento desse estudo, partimos da hipótese de que os alunos do ensino superior não desenvolvem a estratégia de reativação de referentes de forma adequada, o que ocasiona, muitas vezes, uma dificuldade de reconhecimento do referente de suas sentenças para o leitor, dificultando, assim, a compreensão do texto.

O fato de o gênero escolhido ser bastante relevante e recorrente na esfera

acadêmica, portanto, de fazer parte do cotidiano da academia, foi que chamou a nossa atenção e a escolha do fenômeno da progressão referencial em função de ser um dos aspectos centrais no estabelecimento da organização e coerência do texto.

Assim, este trabalho se justifica por constituir um reflexo da aplicação dos nossos conhecimentos construídos na academia, bem como por resultar em um estudo acerca de um tema importante para os que se interessam pelo ensino de língua materna em sua perspectiva textual.

Na composição deste artigo, há primeiramente uma explanação teórica acerca dos temas: produção escrita, gênero textual, gêneros acadêmicos, resenha acadêmica e progressão referencial. Posteriormente, descrição dos procedimentos metodológicos adotados e ainda apresentação da análise do *corpus*, culminando com a apresentação da conclusão deste trabalho.

1 ABORDAGEM TEÓRICA

1.1 Produção Escrita

Um texto não é apenas um aglomerado de palavras ou um amontoado de frases isoladas, como defende Antunes (2005, p. 179): “assim como um conjunto qualquer de palavras não constitui uma frase, um conjunto qualquer de frases não constitui um texto. Tal como para o plano da frase, existem critérios que regulam a boa formação textual...”.

Segundo a autora, entre esses critérios ou características a que um conjunto de palavras deve obedecer para funcionar e ser reconhecido como um texto num contexto social destacam-se a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade.

A coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependência de ordem gramatical (KOCH, 2009). Ou seja, diz respeito aos elos que os elementos linguísticos propriamente ditos vão criando entre si no decorrer da construção verbal, que vão estabelecendo relações de sentido entre eles.

Para Beaugrande & Dressler (1991 *apud* KOCH, 2013, p. 94):

a coerência diz respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentido.

Em outras palavras, a coerência é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões do texto, sendo resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. A coerência se relaciona com a coesão na medida em que, na maioria dos casos, a segunda se constitui em pistas para o estabelecimento da primeira.

Antunes (2008) trata ainda de 10 importantes aspectos relacionados à produção textual. Segundo ela, trata-se de uma **atividade de interação** verbal, a partir da qual o sujeito objetiva trocar alguma informação, dizer alguma coisa, agir sobre o outro. É, portanto, uma **atividade cooperativa**, pois dois sujeitos agem conjuntamente para a interpretação do que está sendo dito e com que intenção. Constitui um **ato contextualizado**, situado no momento e no espaço. É uma atividade necessariamente textual, ou seja, não falamos nem escrevemos com palavras justapostas aleatoriamente, soltas, desconectadas. A autora também conceitua o ato de escrever como uma **atividade tematicamente orientada**, já que em um texto há uma ideia central a ser desenvolvida e que envolve **especificidades linguísticas e pragmáticas**, pois cada texto é marcado pelas condições particulares de cada situação. Ainda de acordo com ela, a atividade de escrita se manifesta em **gêneros particulares** de textos, que **retomam outros textos**, além de ter uma relação de interdependência com a leitura.

1.2 Gênero Textual

Toda reflexão linguística deve ser feita levando-se em conta as especificidades do gênero textual em questão, pois, é impossível o estabelecimento de comunicação verbal que não seja por algum gênero (MARCUSCHI, 2005). Antes, porém, precisamos compreender o que de fato vem a ser gênero textual.

Segundo Bakhtin (1952/53), os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados/discursos em dados contextos e situações específicas de comunicação, são modelos comunicativos determinados por diversos contextos e situações comunicativas, além de serem fatos sociais cotidianos dinâmicos tão variantes quanto a própria língua, modificam-se e reproduzem-se de acordo com os seus usos.

Os gêneros textuais circulam dentro da sociedade nas chamadas esferas sociais de comunicação, que são espaços para práticas de linguagens com os quais nós convivemos diariamente. As mais comumente conhecidas e utilizadas são: a escolar, a burocrática, a jornalística, dentre outras. Para que haja possibilidade de interação dentro dessas esferas, é necessário que dominemos os gêneros que nela circulam.

Tipologicamente, os gêneros são classificados como heterogêneos, ou seja, podem

conter em sua organização narrativas, descrições e argumentações. O que nos leva à distinção deles são seus formalismos técnicos, sua organização estrutural.

São chamados de suportes os meios que, com formatos específicos, fixam e transportam um determinado gênero. Dividem-se em: convencionais e incidentais. Os primeiros são naturalmente estipulados nas interações comunicativas. Já os incidentais são aqueles de utilização ocasional ou eventual.

Os gêneros textuais são divididos ainda em: gêneros orais e gêneros escritos; primários e secundários. Os primários são formas genuínas de comunicação particular do cotidiano. Já os secundários, são aqueles pertencentes às esferas que possuem um grau maior de complexidade e formalidade.

1.3 Gêneros Acadêmicos

Os gêneros acadêmicos são basicamente pertencentes à esfera científica e são focalizados sistematicamente na universidade. Podemos dizer que dentre os demais gêneros existentes, esses são os de mais formalidade.

As discussões acerca desses gêneros são realizadas, essencialmente, na universidade, visto que são produzidos na própria instituição, objetivando atender às necessidades e peculiares dessa esfera comunicativa. Acerca do ensino desses gêneros vale ressaltar o que defendem Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2007, p.11):

(...) salientamos a falta de um ensino sistemático desses gêneros, orientado por um material didático cientificamente instrumentado e adequado às necessidades dos alunos e às condições de trabalho do professor. Além disso, consideramos que esse ensino não se pode se confinar ao processo de produção, mas, necessariamente, deve envolver também o de leitura, pois, conforme apontam as pesquisas mais recentes, esses dois processos se encontram intrinsecamente relacionados.

Dentre os mais comumente produzidos na universidade, podemos destacar o resumo, a resenha, o fichamento, o relatório, o artigo científico (ou acadêmico), a monografia, dentre outros. As revistas científicas, anais e boletins, são exemplos de suportes desses gêneros bastante específicos e ligados a essa esfera discursiva.

A esfera em que circulam esses gêneros preconiza o afastamento da oralidade, do coloquial e de avaliações explicitamente subjetivas e, portanto, de expressões linguísticas que os revelem, tais como “eu acho que” e “como todo mundo sabe”. Outra característica desses gêneros é que requerem familiarização com a linguagem específica do ramo da ciência em questão, bem como o seu uso. Vale ressaltar também que são altamente intertextuais, pois devem constituir fruto de leituras de livros teóricos e em outras fontes de conhecimento.

1.4 Resenha Acadêmica

A resenha acadêmica é utilizada principalmente como instrumento avaliativo e de compreensão textual dentro da universidade, objetivando integrar o aluno nas práticas discursivas do meio acadêmico e lhe oferecer a apropriação dos conceitos necessários à sua formação, servindo, geralmente, ao professor como comprovação de que o aluno leu o texto base e como instrumento de verificação e avaliação dessa compreensão.

Este gênero também é chamado de resumo crítico, pois “o procedimento para a resenha é semelhante ao executado na elaboração do resumo, acrescido de uma crítica”, como defende Oliveira (2008, p.105). Entretanto, é bom lembrar que não se trata de um mero resumo, pois além de objetivar criar interesse no leitor pelo texto base, de lhe dar uma ideia geral sobre o mesmo, deve lhe apresentar um posicionamento do produtor quanto às ideias do texto fonte, ou seja, conter uma apreciação crítica.

Balizaremos este trabalho na definição proposta por Costa e Salces (2013, p. 241) segundo a qual “resenhar significa analisar, descrever, comentar e enumerar os aspectos relevantes de um objeto, apresentando, de maneira crítica, uma síntese das ideias fundamentais da obra” e deve apresentar essencialmente a seguinte estrutura:

1 – Primeira Parte: deve ser descrita fundamentalmente para dar informações sobre o texto, contendo itens como nome do(s) autor(es), título completo da obra, nome do tradutor em caso de tradução, nome da editora, lugar e data da publicação, número de páginas.

2 – Segunda Parte: apresentar um resumo do conteúdo da obra, contendo indicação sucinta do assunto tratado na obra e do ponto de vista adotado pelo autor, métodos utilizados pelo autor na construção da obra e o ponto de vista defendido por ele.

3 – Terceira Parte: comentários e julgamentos do resenhador, não necessariamente ao final do texto, podendo ser expressos durante o resumo da obra, que digam qual a coerência do texto, qual a sua originalidade, qual a validade e relevância das ideias, quais as contribuições apresentadas, se o autor atingiu os objetivos propostos, se o texto supera a pura retomada de textos de outros autores, se há profundidade na exposição das ideias, se a conclusão está apoiada em fatos e que questões o texto levanta.

1.5 Progressão Referencial

Ao produzirmos um texto é necessário que façamos constantemente referência a algo, pessoas, acontecimentos, entre outros; e também que mantenhamos em foco esses referentes, quando ainda temos algo a dizer sobre eles, que os desfocalizemos, quando já

esgotamos o que queríamos dizer acerca deles ou os utilizemos como aporte para o surgimento de novos referentes no texto, tais como uma especificação de uma parte desse referente, por exemplo.

Koch e Elias (2012) definem esses procedimentos como estratégias discursivas, por meio das quais são construídos os objetos-de-discurso e mantidos ou desfocalizados na plurilinearidade do texto. Assim, quando nos detemos sobre esse aspecto do desenrolar textual, estamos tratando da progressão referencial, ou seja, de como o texto progride com o auxílio desses processos de referenciação.

Esses processos incidem, portanto, na construção e reconstrução dos objetos-de-discurso no decorrer do texto, na medida em que os referentes são trazidos, explorados, assim, modificados, e desfocalizados, dando lugar a novos, deixando, então, de constituir uma simples referência para serem novos entes à disposição dos interlocutores, ficando armazenados na memória discursiva que se constituiu com o texto.

Koch (2004, apud VERCEZE, 2009) afirma que a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, por exemplo, não consiste na simples localização de um segmento lingüístico, mas, sim, no estabelecimento de uma relação com algum tipo de informação da própria memória discursiva.

Segundo Verceze (2009) as escolhas operadas pelos interlocutores são amparadas nessa memória discursiva, em particular as escolhas das expressões referenciais. Eles manipulam, assim, a própria percepção da realidade de maneira significativa.

Para a autora, é importante que se estabeleça a distinção entre as categorias referência, retomada e remissão. A retomada implica remissão e referenciação; a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada, enquanto que a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada. Assim, não importando a recorrência ou não de um mesmo elemento a progressão referencial será sempre baseada em algum tipo de referenciação.

As estratégias de referenciação se resumem a três operações básicas: introdução, retomada e desfocalização (KOCH e ELIAS, 2012).

A primeira estratégia é aquela na qual um referente textual ainda não apresentado é citado, preenchendo um novo nóculo na tessitura textual. Cria-se um foco com a expressão lingüística utilizada. O referente fica salientado, servindo de marco para a continuidade do texto.

Já quando um nóculo anteriormente apresentado é novamente ativado na memória operacional do interlocutor, por meio de uma forma referencial, de modo que continue em

foco, temos a estratégia de referenciação por retomada.

A operação de desfocalização consiste no deslocamento da atenção do interlocutor para um novo referente textual, desfocando, assim, o referente anteriormente salientado, que pode, entretanto, a qualquer momento ser reativado.

Dessa forma, o texto ou a memória discursiva dos interlocutores é continuamente elaborada e alterada por meio de novas referenciações. A progressão textual se desenvolve, assim, em dois movimentos principais: a projeção e retrospecção, ou seja, ela se realiza a partir do que será dito, do que já foi dito e também do que é sugerido, que se co-determinam continuamente.

Segundo Koch e Elias (2012) **as formas de introdução** de referentes no modelo textual são de dois tipos: ativação “ancorada” e “não-ancorada”. A segunda ocorre quando se introduz um objeto de discurso totalmente novo no texto. Já a primeira também ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto, mas agora com base em algum tipo de associação com elementos do cotexto ou contexto sociocognitivo, como em “balões, refrigerante, bolo e alegria. **A festa de aniversário...**”. Temos, nesses casos, as anáforas indiretas e associativas de modo geral.

As estratégias de progressão referencial, segundo Koch e Elias (2012), são basicamente três: o uso de pronome, o uso de expressões nominais definidas e o uso de expressões nominais indefinidas, e pode ser realizada por uma série de elementos linguísticos e recursos de ordem lexical, como formas de valor pronominal, numerais, certos advérbios locativos, elipses, formas nominais sinônimas ou quase sinônimas, formas nominais hiperonímicas, nomes genéricos etc.

As funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais em Koch e Elias (2012) são:

- Ativação e reativação na memória: são formas de referência a elementos já apresentados no texto ou sugeridos pelo co-texto precedente, possibilitam a sua reativação na memória discursiva dos interlocutores. Têm função predicativa, uma vez que operam recategorização dos referentes.

- Encapsulamento anafórico: a partir do uso de uma forma pronominal ou nominal, resumem todo um trecho anterior ou posterior do texto, o que pode ser feito por meio de um pronome demonstrativo neutro ou de uma expressão nominal. Este último caso denominamos rotulação.

- Originar cadeias referenciais: a retomada, operação responsável pela manutenção em foco de objetos previamente introduzidos, dá origem a cadeias referenciais ou

coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Trata-se de um princípio de construção textual presente praticamente em todos os textos, que pode se constituir a partir de sequências descritivas, sequências narrativas e sequências expositivas.

- Atualização de conhecimentos por meio de glosas realizadas pelo uso de um hipônimo: um hiperônimo com função anafórica pode glosar um termo raro e, assim, se prestar a atualizar os conhecimentos do interlocutor, dando-lhe uma informação inédita sobre aquele referente.

- Especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo: uso de uma expressão anafórica geralmente introduzida pelo artigo indefinido, o que resulta num maior refinamento da categorização.

- Construção de paráfrases definicionais e didáticas: paráfrases realizadas por expressões nominais que elaboram definições, geralmente vem acompanhada de expressões que sinalizam uma definição, tais como “um tipo de” ou “um espécie de”.

- Introdução de informações novas: por recurso de para-sinonímia, que ocorre quando a anáfora apreende o referente trazendo uma designação inédita a respeito do objeto-discurso, denominação essa que constitui um sinônimo aproximado da designação presente no co-texto; e por recurso de caracterização de referentes, quando o uso de anáfora nominal acaba por caracterizar o objeto de determinada maneira.

As formas nominais referenciais sinalizam uma passagem de estágio da argumentação, pois podem sinalizar fechamento do estágio anterior a partir do seu encapsulamento em forma nominal. Influem, assim, na introdução, mudança ou desvio do tópico, bem como de ligação entre tópicos e subtópicos, servindo para a marcação dos parágrafos do texto, se não no sentido tipográfico, mas no sentido cognitivo do texto, o que geralmente coincide, segundo Apothélos e Chanet (*apud* KOCH, 2009, p.72).

Como podemos ver, a progressão referencial é um aspecto de bastante relevância para o estudo do texto, uma vez que suas estratégias são imprescindíveis à constituição, em maior ou menor grau, de praticamente todo texto. Seu domínio é requerido, portanto, também para o leitor, pois configuram ferramentas que o auxiliam no percurso dos caminhos materiais e imateriais do texto rumo à construção de sentido e apreensão da sua orientação argumentativa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Percurso da Pesquisa

Este trabalho é de natureza descritiva exploratória, uma vez que resulta em mais informações sobre o assunto investigado e lança mão de análise de exemplos, o que estimula a compreensão do tema em questão (GIL, 2008). No que diz respeito aos procedimentos utilizados na coleta e análise dos dados, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de análise documental, pois foi elaborada a partir de materiais já publicados sobre o assunto. A abordagem do problema é de natureza qualitativa, com base quantitativa, cujo *corpus* constitui-se de 30 resenhas produzidas pelos acadêmicos do quarto semestre do curso de Letras da Faculdade de Macapá – FAMA.

Segundo o professor que nos cedeu espaço para a coleta do *corpus*, os alunos já eram conhecedores do gênero em questão. Ainda assim, pedimos-lhe que fizesse uma revisão com os alunos quanto às especificidades e produção da resenha. Atendido esse pedido, solicitamos ao professor que pedisse que os alunos produzissem o gênero a partir do artigo de opinião “Cultura da Paz” de Leonardo Boff, o que constituiu nosso *corpus*.

Escolhemos esse texto base em virtude de ele não ser muito extenso, dada à carga horária da disciplina do professor, também por ele ser claro, objetivo, tratar de um tema universal, fazendo referência a fatos do nosso cotidiano e ao mesmo tempo, de forma simplificada, a dados científicos, oportunizando aos alunos que construíssem um texto a partir do confronto, bem como aproveitamento, do seu conhecimento enciclopédico com as novas informações do texto.

Após a coleta do *corpus*, observamos as 30 resenhas sobretudo no aspecto voltado à progressão referencial. Inicialmente, tomamos uma como modelo para evidenciar as formas de reativação de referentes por categorias linguísticas, a partir das quais mais recorrentemente essa estratégia se deu, bem como de que forma se deram as funções cognitivo-discursiva da recategorização de referentes, do encapsulamento anafórico e da organização macrotextual nessa resenha; posteriormente analisamos trechos de outras resenhas em que aqueles elementos linguísticos não promoveram essa estratégia de forma adequada, extraímos também dessas resenhas excertos que evidenciavam problemas quanto àquelas funções cognitivo-discursivas.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Selecionamos a resenha abaixo a fim de ilustrarmos as formas de progressão referencial mais frequentes. A escolha desse texto para servir de modelo ocorreu em função de ele representar, de certa forma, os demais, visto que as ocorrências relativas ao tema analisado assemelham-se nas demais resenhas produzidas.

Cultura da Paz

*BOFF, Leonardo. **Cultura da Paz**. Em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/culturapaz.htm>>. Acesso em: 03 maio 2013.*

1 - Leonardo Boff nasceu em Concórdia, Santa Catarina, aos 14 de dezembro de 1938. Fez seus estudos primários e secundários em Concórdia - SC, Rio Negro - PR e Agudos - SP. cursou Filosofia em Curitiba - PR e Teologia em Petrópolis - RJ. Fez doutorado em Teologia e Filosofia na Universidade de Munique - Alemanha, em 1970. Ingressou na Ordem dos Frades Menores, franciscanos, 1959.

5 - Segundo Leonardo Boff, nossa cultura é caracterizada pela violência e pelo desejo de dominar tudo ao redor. Primeiro, ele demonstra que seria impossível essa violência ser superada devido a nossa cultura valorizar os símbolos de violência e não criar meios para uma cultura da paz, citando o diálogo entre Freud e Einstein, onde ele afirma que é impossível aos homens controlarem totalmente o instinto de morte.

9 - O autor afirma que existem poderosas estruturas por detrás da violência. A primeira é o caos sempre presente no processo cosmogênico. A segunda é sermos herdeiros da cultura de dominação da mulher pelo homem muitas vezes envolvendo violência. A terceira é o costume herdado dos antepassados de resolver os problemas com guerra, com violência.

13 - Para o autor, precisamos urgentemente de medidas para mudar essa cultura da violência, pois as forças de destruição estão nos levando a regredirmos ao estado da barbárie e as armas já criadas podem destruir todo o planeta a qualquer momento. Ou fazemos isso, ou entraremos em extinção.

16 - O autor comenta o fato de nos distinguirmos dos demais animais por sermos seres sociais e cooperativos e que também temos capacidade de sermos afetivos, temos compaixão e solidariedade. Para ele isso tudo deveria servir como inspiração para o desenvolvimento da cultura da paz.

19 - Ele defende uma sociedade onde a competição se dá no sentido do melhor e não da destruição dos outros e cita Martin Heidegger para reforçar a ideia de que o cuidado é essencial para a existência dos homens, afirma que devemos cultivar a memória de figuras que nos transmitem a ideia de paz, como Gandhi e termina enfatizando que devemos estabelecer a paz como uma meta pessoal.

23 - É realmente urgente que tenhamos como meta a cultura da paz, pois podemos perceber atualmente que a vida humana está banalizada, pois vemos diariamente nos telejornais notícias de crimes violentos por motivos fúteis e estamos numa situação onde vivemos mais presos com medo da violência do que os próprios delinquentes.

27 - Como o autor afirma, é importante que valorizemos figuras que nos transmitam ideia de bondade, pois estamos num mundo que parece cada vez mais carente de bons exemplos e de Deus. Num mundo

em que parece mais vantajoso ser desonesto do que honesto, como observamos no cenário político do país o egoísmo do ser humano, cada vez mais casos de corrupção, enquanto pessoas da parcela mais pobre da população perecem nas filas dos hospitais.

32 - As novelas da Globo que tem grande audiência, por exemplo, possuem grande apelo violento e sexual. Diante desses estímulos de desmoralização da família, é importante que os pais fiquem atentos desde cedo ao que os filhos assistem.

35 - Por mais que pareça impossível acabarmos com essa onda de violência que vivemos, devemos fazer a nossa parte diariamente, cuidando das pessoas ao nosso redor, começando por nós mesmo essa mudança. Se não podermos mudar todo o país, com nossa postura podemos mudar o nosso ambiente familiar e de trabalho, por exemplo.

39 - O texto Cultura da Paz de Leonardo Boff não possui uma linguagem tão clara e objetiva e não é tão simples de compreender pois menciona ideias de outras áreas como a biologia e a história. Destina-se a pessoas com maior grau de instrução de qualquer área.

1 - Análise das categorias de progressão presentes na resenha acima:

a) Progressão por pronominalização:

A partir desse modelo, podemos observar nas linhas 6, 8 e 17 o emprego de um pronome para a progressão referencial. No caso, para dar seguimento ao texto, o resenhista se referiu ao autor retomando o seu nome, expresso anteriormente, por meio do pronome pessoal “ele”, evitando a repetição daquela expressão, o que poderia tornar seu texto cansativo.

b) Progressão por elipse:

Dentre as várias ocorrências de progressão por elipse no texto, nas linhas 2, 3, 4 e 13 observamos a habilidade do resenhista quanto à estratégia de não repetir os pronomes, deixando-os subentendidos pela flexão utilizada de número e pessoa de verbos como *cursar*, *fazer e ingressar* e *precisar*, garantindo, assim, fluidez ao seu texto.

c) Progressão através de formas nominais reiteradas:

Na linha 28 observamos o uso do recurso de ordem lexical da reiteração de itens lexicais que, neste caso, como bem ressalva Antunes (2005) “... a repetição não é apenas uma regularidade textual. É um recurso de grande funcionalidade, pois pode desempenhar diferentes funções, todas elas, de alguma forma, coesivas.”.

Vemos que o exemplo supracitado está em acordo com o que a autora defende, ou seja, a repetição da expressão “num mundo” não causou nenhum prejuízo à qualidade ou à interpretação do texto, pelo contrário, serviu para garantir a progressão referencial, além disso, dar ênfase à ideia.

2 - Funções cognitivo-discursivas – recategorização de referentes, encapsulamento anafórico e organização macrotextual:

Alem das categorias pelas quais a progressão referencial foi realizada nessa resenha, observamos também as funções cognitivo-discursivas da recategorização de referentes e do encapsulamento anafórico imbricados nas linhas 32 e 33, em que toda a ideia de “grande apelo violento e sexual das novelas da Globo” foi encapsulada posteriormente, com o auxílio do demonstrativo “esse”, pela expressão “estímulos à desmoralização da família”. A questão da orientação argumentativa fica perceptível a partir do encapsulamento, pois ao mesmo tempo que a nova expressão serviu para retomar as características das telenovelas apontadas pelo resenhista, serviu para demonstrar sua opinião contrária a elas.

Nas linhas 15 e 18 há a ocorrência de outros encapsulamentos anafóricos. Na 15, quando o resenhista utiliza o demonstrativo “isso” para encapsular a ideia expressa nas linhas 13 e 14 quanto à necessidade de adoção de medidas urgentes para a mudança da cultura de violência; na 18, quando, utilizando o mesmo demonstrativo, o resenhista encapsula as qualidades atribuídas ao homem ditas nas linhas 16 e 17.

Quanto à função cognitivo-discursiva da organização macrotextual nessa resenha, nas linhas 9, 10 e 11, observamos a criação de uma sequência descritiva apoiada em operação de retomada com base em elipses. Através da enumeração (a primeira, a segunda, a terceira) foi possível que se mantivesse em foco o referente “poderosas estruturas”, evidenciando que se trata de partes de um todo e ao mesmo ativando novos referentes. É possível inferirmos que o produtor da resenha tenha se dado conta, ainda que numa reflexão epilinguística, de que o prosseguimento no comentário de cada estrutura em questão constituiria um pequeno afastamento do foco principal do texto, o que não é desejável num resumo, e que por isso ele não entrou em detalhes acerca de cada uma. A consciência, portanto, dos processos de retomada em sequência descritiva nos auxiliam no julgamento do que está mais próximo do foco central do texto, portanto, na sua organização.

A seguir, apresentamos ainda alguns excertos das demais resenhas agrupados por categorias linguísticas e recursos de ordem lexical mais recorrentes na promoção adequada da estratégia de reativação de referentes.

1 - Uso de pronome:

“O autor Leonardo Boff inicia o texto afirmando que a nossa sociedade valoriza bastante a questão da violência, através dos filmes de ação que mostram cenas violentas, por exemplo. Ele também afirma...”

Observamos que o uso do pronome “que” neste caso se prestou a recuperar o

referente “filme”, dando suporte à continuidade do texto, portanto, a sua progressão referencial, auxiliando ao mesmo tempo na recategorização daquele referente, assim como a pronominalização da expressão “o autor Leonardo Boff” por meio do pronome “ele”.

2 - Elipse:

“...essa promoção de líderes que cultuam a paz deve ser levada em conta em virtude da capacidade do homem em mudar sua própria realidade, ou seja, dentre as espécies de animais existente no planeta, é a única capaz de agir e protagonizar o próprio futuro.”

Vemos que o termo “espécie” dito anteriormente foi suprimido no trecho “é a única capaz...” sem dar prejuízo no seu sentido, já que é facilmente recuperada pelo artigo definido e pela flexão de gênero da palavra “única”, sinalizando a ciência da implicação do uso daquele recurso no âmbito morfo-sintático do texto.

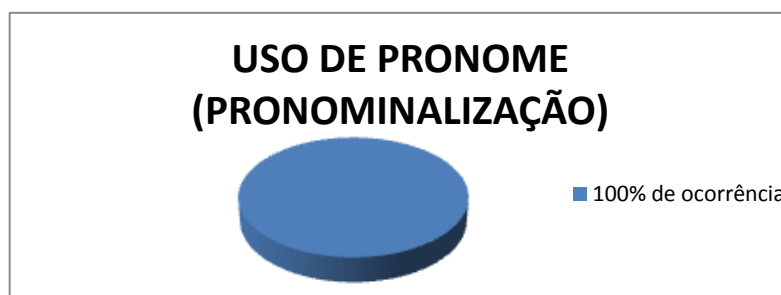
3 - Reiteração de expressões nominais:

“Ainda assim o homem deve compreender que para viver em paz precisa deixar seus medos de lado, medos esses que são nutridos por achar que está sozinho ou que é melhor do que os outros...”

Esse exemplo corrobora a ideia de que nem sempre a reiteração prejudica a qualidade do texto igualmente ao caso anteriormente exposto.

Para evidenciar os recursos linguísticos mais recorrentemente utilizados na estratégia de reativação de referentes para progressão referencial nos textos analisados, representamos os resultados nos gráficos abaixo:

Gráfico 1 - Emprego de pronominalização:



Fonte: Dados de Pesquisa

Das 30 resenhas observadas, todas apresentaram o recurso da pronominalização. Dada essa recorrência, observamos a importância da habilidade na utilização desse recurso para o desenvolvimento da resenha, já que o resenhista precisa se referir muitas vezes ao autor do texto base, por exemplo, e precisa fazê-lo garantindo que o seu texto fique claro e objetivo para o leitor. Ressaltando que, de acordo com Koch (2009), a retomada por meio do uso de pronomes ou outras formas de valor pronominal é uma forma de manutenção do foco, pelo

fato de o objeto já se encontrar ativado no módulo textual, o que foi observado nas resenhas analisadas.

Gráfico 2 – Uso de elipse:



Fonte: Dados de Pesquisa

Vemos, assim, que o segundo recurso mais utilizado para o estabelecimento da progressão referencial das resenhas foi a elipse, que consiste na omissão de um termo facilmente identificável pelo contexto ou por elementos gramaticais do co-texto com a intenção de tornar o texto mais conciso. Conforme Koch (2009), essa estratégia, tal como a anterior, contribui para a continuidade do texto através da remissão a referentes que já foram apresentados e introduzidos na memória do interlocutor.

Gráfico 3 – Emprego da reiteração:



Fonte: Dados de Pesquisa

O recurso da reiteração de itens lexicais esteve presente em pouco mais da metade das resenhas. Trata-se de um recurso que, como afirma Antunes (2005) merece o cuidado da utilização equilibrada, uma vez que o conteúdo de um texto não pode reduzir-se a um *mesmo* sem fim, que não avança e, circularmente, não sai do lugar. Vale lembrar que o uso dessa

estratégia exige habilidade do autor, visto que por ser de ordem lexical pode tanto ajudar no desenvolvimento da progressão, como também pode refletir não progressão.

Assim, diante do exposto, vale dizer que das 30 resenhas analisadas, apenas 9 empregaram adequadamente os recursos linguísticos citados acima e que foram os mais recorrentes na produção textual para estabelecer a progressão referencial, seja por meio de elipses, pronominalizações ou reiteração e até mesmo encapsulamento. Assim, nas resenhas analisadas estas foram as estratégias mais presentes. De acordo com Koch (2006), é a retomada que origina as cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial do texto. As 21 resenhas restantes, entretanto, apresentaram alguns problemas no estabelecimento dessa progressão. Dentre as principais problemáticas, destacamos as seguintes:

1 - Uso inadequado de pronome/ repetição desnecessária:

*“Assim, podemos apontar alguns aspectos negativos, no texto e se refere ao caráter pessimista que o autor detém da sociedade atual **que** promove a violência mediante a valorização da violência por meio da veneração de figuras...”*

Quanto ao uso do termo “que” em destaque, observamos aqui que a antiga problemática da dicotomia “oração subordinada adjetiva explicativa x restritiva” não constitui uma mera questão de gramática normativa, mas sim, algo que afeta diretamente o sentido que se pretende com o texto. Sabemos, pelo conhecimento do texto fonte, que se trata de uma explicação. Entretanto, levando em consideração apenas o cotexto, a outra interpretação é plenamente aceitável, uma vez que, normativamente falando, para fins explicativos o termo “que” deveria ser precedido de vírgula.

Nesse excerto observamos também a repetição desnecessária do termo violência, o que poderia ter sido evitado mediante a utilização, por exemplo, da pronominalização.

2 – Uso indevido de pronominalização:

Quanto a essa estratégia, encontramos também trechos em que o referente de formas de valor pronominal só poderia ser recuperado tendo-se em mente o texto fonte, como o seguinte início de resenha:

“Ele diz que a cultura dominante se caracteriza pela vontade de dominação da natureza e do outro...”

Quanto a isso, vale lembrar que, embora faça referência a um texto maior, o resenhista precisa garantir ao leitor que ele não necessite recorrer ao texto fonte para recuperar referentes indispensáveis a compreensão do texto. Essa autonomia é garantida justamente pela habilidade quanto à ativação dos novos referentes no texto.

3 - Emprego ambíguo de elipse:

*“Em terceiro lugar essa cultura patriarcal gerou a guerra como forma de resolução dos conflitos, o autor Leonardo Boff busca através da sua inspiração e seus valores morais nos passar que a cultura da paz e suas tradições é o processo antropogênico e que nos **fornece** indicações objetivas e seguras.”*

Se vimos anteriormente que a elipse é uma importante estratégia de progressão referencial, percebemos, porém, agora, que sua utilização requer cuidados, principalmente em casos em que o seu referente já esteja textualmente distante, como no exemplo acima. Vemos que faltou a reativação do referente “autor”, o que poderia ter sido feito com a pronominalização ou até mesmo coma reiteração do termo. Pela superfície textual ficamos, assim, sem saber quem nos fornece as indicações objetivas e seguras, se o autor ou o processo antropogênico ou até mesmo se se trata de comentário do resenhista.

4- Reiteração de expressões nominais utilizadas indevidamente:

*“...o autor nos mostra de maneira crítica vários fatores que contribuíram para a decadência social dos **seres humano**, entre esses a criação do mundo, que contribuíram para a individualidade dos **seres humano**. Não entendo por que na maioria das vezes nos **seres humanos** não conseguimos agir de forma racional, nós seres humanos, somos diferentes, mas ao mesmo tempo iguais...”*

Apesar de sabermos que a reiteração de expressões nominais pode se prestar à criação de efeitos de sentido, como observado anteriormente, pudemos verificar casos em que tal reiteração não cumpre seu real papel no texto de ancorar e estabelecer progressão, visto que demonstra falta de habilidade com o processo de referenciação.

A seguir, um excerto no qual podemos perceber a recorrência de **encapsulamento anafórico e recategorização de referentes** não funcional:

“Pois cabe a cada um de nós escolhermos qual caminho quer seguir. A tecnologia ainda tem resposta ou ferramentas para mudar isso. Assim, fica a conclusão: afinal de contas, o ser humano é criado para a paz ou para a guerra?”

Vemos aqui uma situação interessante, um caso de encapsulamento anafórico em que resenhista introduziu uma ideia e a encapsulou através do pronome “isso”. Nesse caso, entretanto, essa estratégia não foi adequada, uma vez que o excerto encapsulado apresenta uma ideia que não corresponde de forma clara e precisa à informação veiculada na sentença que leva ao referido pronome.

Quanto à implicação no uso das expressões referenciais para a organização macroestrutural das resenhas, verificamos que estes problemas apresentados refletem a dificuldade dos acadêmicos em concatenar as ideias do texto base, organizá-las e articulá-las para transpor para o papel e transformá-las em outro gênero textual, de modo que não pareçam apenas um aglomerado de sentenças pouco conexas, ou reflexo da não percepção da

relação de hierarquia entre as ideias.

Assim, a partir da análise realizada, é válido dizer que a produção do gênero resenha acadêmica costuma ser complexa para os acadêmicos, visto que exige habilidades e competências textuais específicas em seu processo de construção. Destaca-se que uma dessas competências consiste em extrair as ideias principais do texto base e apreciá-las, sob um enfoque de julgamento crítico-reflexivo e valorativo. Porém, tal capacidade foi quase inexistente nas resenhas produzidas, a maior parte apresentou apenas o resumo do texto base, com alguns comentários superficiais e sem julgamento crítico-reflexivo.

CONCLUSÃO

O estudo do fenômeno da progressão referencial é de bastante relevância sobretudo para a academia, pois os textos que circulam nessa esfera requerem constantemente o domínio das estratégias de progressão referencial, já que é uma condição *sine qua non* que eles não só referenciem outros textos, como todo texto faz, mas também que lhes remetam e os retomem pontualmente em seu corpo.

Cotidianamente sentimos a necessidade de produzir textos orais e escritos, então, principalmente no caso dos que estão envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem, é de grande importância que elevem seu conhecimento dos processos de referenciação para que fiquem cientes de que um texto constitui por si só um novo conjunto de referentes, além daqueles do mundo exterior aos quais aponta, que existem formas de organizar o conjunto de teias entre esses nódulos referencias que vai se traçando quando se produz um texto e que os recursos utilizados nessas estratégias não podem ser definidos a priori, e portanto, não podem ser combatidos, como no caso da reiteração de itens lexicais, mas decorrem da necessidade do sentido pretendido com o texto naquela situação específica, além de auxiliarem os interlocutores na delimitação dos parágrafos tipográficos e cognitivos.

Acreditamos que uma reflexão dos processos coesivos em sala de aula a partir da perspectiva das estratégias de progressão referencial seria muito produtiva, pois com ela os alunos poderiam perceber muito da lógica que permeia o texto, uma vez que o ensino estaria muito mais voltado à observação do funcionamento real da língua, ao contato direto com os textos, observando os efeitos de sentido construídos com as estratégias e de como elas se prestam à nossa expressão argumentativa e, portanto, à recuperação da do outro.

Com este trabalho, confirmamos a hipótese de que as resenhas dos alunos do ensino superior apresentam problemas quanto à progressão referencial. Diversos são os

fatores que podem ter contribuído para esse quadro, tais como um histórico de ensino baseado numa visão mais arcaica de ensino e de língua, e falta de hábito de leitura. Outro fator interessante que pode ter contribuído e que pudemos observar até mesmo em nosso histórico acadêmico, é uma prática de ensino dos gêneros textuais baseada quase exclusivamente em esquemas prévios para a sua construção, sem o contato efetivo com modelos do gênero em estudo, o que contraria a teoria dos gêneros discursivos, a qual prevê o contato efetivo com modelos do gênero para o seu aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, M. (1952/53/1979). **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BOFF, Leonardo. **Cultura da Paz**. Artigo disponível em : <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/culturapaz.htm>>. Acesso em: 03 maio 2013.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL.**Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/Língua Portuguesa** (3º e 4º ciclos). Brasília, MEC/SEF, 1998.
- COSTA, Deborah. SALCES, Cláudia Dourado de. **Leitura e Produção de Textos na Universidade**. 1 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.
- ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**. 2. ed. São Paulo: W M F Martins Fontes, 2009.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A coerência textual**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARCUSCHI, L.A. – In: Angela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. (4ª edição).

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, J.L. **Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (5ª edição)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez, 2002.

VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi. **A Progressão Referencial e o Uso da Anáfora Indireta na Fala de Adolescentes.** In Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (3): 369-380, set.-dez. 2009.